

# O negro espírito do tempo: perspectivas geracionais na luta antirracista a partir da política institucional

*The black spirit of the time: generational perspectives in the anti-racist struggle from institutional politics*

*El espíritu negro de la época: perspectivas generacionales en la lucha antirracista desde la política institucional*

**Carla Baiense Félix**

Universidade Federal Fluminense (UFF)  
<carlabaiense@id.uff.br>

**Paula Máiran de Brito Machado**

Universidade Federal Fluminense (UFF)  
<pmairan@id.uff.br>

## Resumo

Neste artigo, escrito no curso de uma investigação mais ampla sobre a experiência midiático-política vivenciada pela parlamentar Renata Souza, em 2022, e sua equipe de redes, analisamos os processos e estratégias adotados por uma juventude preta e comunicadora de favela, no enfrentamento ao racismo e na construção de uma cidadania negra. A partir da observação participante, ao longo dois meses e meio de campanha, e referenciada nos conceitos de quilombismo (NASCIMENTO, 2019) e suspensão do cotidiano (HELLER, 2008), buscamos compreender, sob a perspectiva geracional (MANNHEIM, 1952), como esses jovens “raqueiam” (SILVA, 2022) as redes invertendo a lógica midiática hétero-cis-branco-patriarcal.

**Palavras-chave:** Mídia política; Cidadania negra; Juventude; Quilombismo; Racismo cotidiano

## Abstract

In this article, written in the course of a broader investigation into the media-political experience lived by parliamentarian Renata Souza, in 2022, and her network team, we analyze the processes and strategies adopted by a black youth and communicator from the favela, in the confronting racism and building black citizenship. From participant observation, over two and a half months of campaign, and referenced in the concepts of quilombism (NASCIMENTO, 2019) and suspension of everyday life (HELLER, 2008), we seek to understand, from a generational perspective (MANNHEIM, 1952), how these young people “crack” (SILVA, 2022) the networks, reversing the hetero-cis-white-patriarchal media logic.

**Keywords:** Political media; Black citizenship; Youth; Quilombismo; everyday racism

## Resumen

En este artículo, escrito en el curso de una investigación más amplia sobre la experiencia mediático-política vivida por la parlamentaria Renata Souza, en 2022, y su equipo de red, analizamos los procesos y estrategias adoptadas por un joven negro y comunicador de la favela, en el enfrentamiento al racismo y la construcción de la ciudadanía negra. A partir de la observación participante, a lo largo de dos meses y medio de campaña, y referenciada en los conceptos de quilombismo (NASCIMENTO, 2019) y suspensión de la vida cotidiana (HELLER, 2008), buscamos comprender, desde una perspectiva generacional (MANNHEIM, 1952), cómo estos jóvenes “crackean” (SILVA, 2022) las redes, invirtiendo la lógica mediática hetero-cis-branco-patriarcal.

**Palabras llave:** Medios políticos; ciudadanía negra; Juventud; quilombismo; racismo cotidiano

## Introdução

O relatório “Quem controla a mídia no Brasil” (2017), publicado em parceria por *Repórteres sem Fronteira* e *Intervozes* expôs o modo como o Brasil do século 21 se manteve, e se mantém, re-fém de oligopólio midiático dominado por 73% de homens brancos e cristãos do Sudeste e do Sul do país e com braços no Congresso Nacional (32 deputados federais e oito senadores donos de veículos). A perpetuação desse contexto já denunciado por Nascimento (2019) ajuda a compreender a ofensiva da direita midiático-política, iniciada em 2013, que derrubou a presidenta Dilma Rousseff e a substituiu por Michel Temer, e que culminou no trágico feminicídio político (SOUZA, 2020) da vereadora negra Marielle Franco, em março de 2018; na prisão de Luiz Inácio Lula da Silva, logo depois, em abril; e na vitória eleitoral de Jair Bolsonaro, em novembro do mesmo ano.

**Em resposta àquele feminicídio político, no bojo de um movimento que ficou conhecido como Sementes de Marielle, Renata Souza se candidatou à deputada estadual pelo PSOL, obtendo a votação mais expressiva do estado, com quase 64 mil votos, assumindo a Presidência da Comissão de Direitos Humanos da Alerj (2019-2020).**

No mesmo período vimos ascender, no entanto, movimentos que tomaram as redes digitais e o espaço público, como o “Fora Temer”, as ocupações de escolas e os atos “Marielle Presente”. Foi no lastro desse vendaval protagonizado, sobretudo, por jovens mulheres da esquerda feminista e antirracista que três deputadas pretas, todas do PSOL-RJ, foram eleitas, em 2018, no Rio de Janeiro, Renata Souza, a mais votada delas, Monica Francisco e Dani Monteiro. Em 2022, talvez por isso Renata tenha se tornado alvo direto da violência política de gênero na Alerj.

Neste artigo, escrito no curso de uma investigação mais ampla sobre a experiência midiático-política vivenciada por Renata Souza, em 2022, e sua equipe de redes, analisamos os processos e estratégias adotados por uma juventude preta e comunicadora de favela, no enfrentamento ao racismo e construção de uma cidadania negra. A partir da observação participante, ao longo de dois meses e meio de campanha, e referenciada nos conceitos de quilombismo (NASCIMENTO, 2019) e suspensão do cotidiano (HELLER, 2008), buscamos compreender, sob a perspectiva geracional (MANNHEIM, 1952), como esses jovens “raqueiam” (SILVA, 2022) as redes invertendo a lógica midiática hétero-cis-branco-patriarcal.

## De comunicadora à parlamentar – apontamentos sobre um percurso

Não há a pretensão, neste artigo, de biografar Renata Souza, apenas de trazer alguns aspectos de sua história relevantes para o debate proposto. Renata já acumulava experiência como repórter e editora do jornal comunitário *O Cidadão*, na Maré e cursava Jornalismo na

PUC quando atuou na campanha que elegeu Marcelo Freixo deputado estadual em 2006 e foi contratada por ele como assessora.

Após dez anos como assessora de Freixo, assumiu a chefia de gabinete de Marielle Franco, eleita em 2016, num contexto de extrema sub-representação de gênero, mas também de eclosão de movimento para a ocupação da política por mulheres pretas, como desdobramento das lutas feministas e antirracistas intensificadas a partir de 2013. Em pouco mais de uma década, Renata concluiu o mestrado e o doutorado na UFRJ, e o pós-doutorado no PPGMC da UFF. No pós-doutorado, desenvolveu o conceito de feminicídio político para caracterizar assassinatos, como o de Marielle Franco, por questões políticas de gênero, e lançou os livros *Cria da Favela*, com base em sua tese de doutorado, e *Cabeça Erguida*, compilação de artigos.

Em resposta àquele feminicídio político, no bojo de um movimento que ficou conhecido como Sementes de Marielle, Renata se candidatou à deputada estadual pelo PSOL, obtendo a votação mais expressiva do estado, com quase 64 mil votos, assumindo a Presidência da Comissão de Direitos Humanos da Alerj (2019-2020). Em 2020, concorreu à Prefeitura do Rio, com 85.272 votos, mesmo desconhecida por 74% dos eleitores. Em 2022, Renata foi reeleita com 174.132 votos, quase o triplo em relação à primeira votação, sendo cerca de 130 mil votos da capital. Renata foi, inclusive, a candidata mais votada na Maré, comunidade onde nasceu, cresceu e onde até hoje desenvolve a sua militância política. Embora tenha sido a mais votada da cidade em todas as zonas eleitorais da Zona Sul, 80% dos seus eleitores estão na Zona Norte e na Zona Oeste da cidade. Tais dados são significativos para melhor compreender o eleitorado com o qual a deputada dialoga nas redes.

Renata faz parte do contingente das mulheres que compõem 22,4% do total de parlamentares estaduais na Alerj, e preside a Comissão Permanente de Defesa dos Direitos da Mulher. Nem todas as eleitas reivindicam, no entanto, o feminismo. No que se refere à sub-representação racial, há 24 parlamentares autodeclarados não brancos (34,2%), com oito pretos (11,4%).

Na relação entre custo e desempenho eleitoral, Renata obteve o voto “mais barato” do PSOL. Toda a campanha custou R\$ 950,2 mil. Do total, R\$ 71 mil (7,1%) foram usados para impulsionamento de conteúdo nas redes no Google e Meta. Cerca de 20% ou R\$ 180,8 mil do total foram usados em publicidade por materiais impressos e por adesivos. Mas foram as despesas com pessoal (gestão das redes, produção de conteúdo e distribuição de material) e serviços prestados por terceiros (produção de conteúdo e assessoria de imprensa) que redundaram na maior parte das despesas, de cerca de 60% ou R\$ 546 mil. Ou seja, esse olhar sobre a prestação de contas das despesas da campanha de Renata Souza vem reforçar a centralidade absoluta das pessoas na estratégia de sua comunicação.

## Por dentro dos processos midiáticos - um olhar a partir da observação participante

No papel híbrido de prestadora de serviços de assessoria de imprensa e ao mesmo tempo de pesquisadora, foi possível acompanhar os processos midiáticos desenvolvidos nas redes

durante a campanha eleitoral de 2022, tendo como método a etnografia com observação participante. O período escolhido para observação se iniciou no dia 16 de agosto e se estendeu até 1º de outubro, já bem próximo do pleito. Consideramos que por sua peculiaridade, esse representa um momento de suspensão do cotidiano (HELLER, 2008) da comunicação da parlamentar.

Do ponto de vista da estrutura, ao todo 15 pessoas, a maioria negra, estiveram cotidianamente envolvidas na comunicação da campanha de Renata Souza à reeleição. Equipada com infraestrutura de internet, laptops, uma impressora e micro-ondas para aquecer refeições, uma sala no prédio da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no Centro do Rio, serviu de base de apoio. O grupo se distribuiu entre a execução das

**Houve aposta na diversidade de formatos de impressos e de materiais digitais para o site e para as diferentes redes, com ênfase na interatividade com o público e na articulação entre os diferentes meios.**

redes sociais e aplicativos de mensagens, produção audiovisual, redação e design de impressos e assessoria de imprensa. A equipe de audiovisual trabalhou na cobertura externa da agenda diária, com fotos e vídeos, e também na produção de audiovisuais temáticos.

O desenvolvimento do planejamento da comunicação de campanha se iniciou em dezembro de 2021, com consultoria prestada pela equipe de Guilherme Boulos, ele próprio eleito deputado federal pelo PSOL-SP em 2022. Desde então, houve três reuniões de planejamento, nas quais foram elaboradas propostas de conceito, identidade visual, estratégias, além de pautas e ações prioritárias da comunicação. Tais reuniões foram organizadas a partir do acúmulo feito em debates prévios, sobre conjuntura e definição dos eixos e das estratégias políticas, no âmbito da coordenação política da campanha.

A identidade visual, assinada pela designer Evlen Bispo, foi inspirada na campanha da hoje vice-presidenta colombiana Francia Marquez, em conceito definido pela própria Renata como “explosão de cores”. Esse conceito, aprovado pela coordenação política, traduziu-se no slogan “Renata ainda mais forte”, para resistir à violência política de gênero de classe, raça, gênero, sexualidade e território da extrema direita.

Houve aposta na diversidade de formatos de impressos e de materiais digitais para o site e para as diferentes redes, com ênfase na interatividade com o público e na articulação entre os diferentes meios. Foi adotada uma linguagem ágil, simples e coloquial, com largo uso da primeira pessoa do singular, com margem, aqui e ali, para o uso do *pretuguês* (GONZALES, 2019), a língua falada pela maior parte da população brasileira. Como estratégia, investiu-se numa dinâmica de intenso diálogo entre as redes e as ruas, com bastante interface entre a equipe de comunicação e a de mobilização para panfletagem nas ruas, inclusive com reuniões semanais amplas para atualização e troca de avaliações entre tais grupos.

Em tempos de forte polarização, apostou-se na radicalização do discurso, na apresentação de uma candidata com prestação de contas robusta das realizações em sua primeira mandata. Também optou-se por um apelo significativo de representatividade, sem mediações, pautada na lógica da interseccionalidade, pensada aqui como ferramenta analítica, capaz de contribuir para pensar soluções que possam atender a necessidades de grupos ricos em diversidade étnica, racial, socioeconômica (CRENSHAW, 1991).

Como eixos temáticos, foram destacados: a denúncia do governador Witzel à ONU pelo genocídio negro; o trabalho como presidenta da Comissão Especial de Enfrentamento à Miséria com a autoria de lei que viabilizou R\$ 20 milhões para ações de combate a Covid-19 e à fome nas favelas; a luta contra a violência de gênero, inclusive a obstétrica, e contra a violência políticas de gênero; e o combate ao racismo religioso. O repúdio ao bolsonarismo apareceu de modo transversal o tempo todo da campanha.

Nos diversos meios, usaram-se textos didáticos, com o recurso da exposição de dados em ponto a ponto, na fórmula que foi batizada de “Sete razões para... eleger Renata Ainda + Forte”. Tal fórmula deu origem a uma série de panfletos impressos, de cards e de carroséis para o Instagram dirigidos aos diferentes segmentos do público (mulheres, negritude, juventude, LGBTQIAPN+, povo de terreiro, ambulantes, sem teto, em situação de miséria e fome, da favela, do interior do estado).

Nos roteiros, houve centralidade e protagonismo para essas vozes. Esse foi o povo priorizado para o diálogo direto, de modo a mostrar a possibilidade concreta de mudança dessa realidade, conforme preconizado pelo quilombismo de Abdias Nascimento, que também foi parlamentar e jornalista, artista plástico, escritor e dramaturgo. Sob essa perspectiva, a história de Renata e do povo negro, que ela representa, é compreendida como uma saga coletiva de enfrentamento ao racismo cotidiano (KILOMBA, 2019).

Para livrar a narrativa do risco da reprodução de eventuais ranços liberais, tais como o individualismo, a competitividade e a meritocracia, a história da candidata socialista, favelada, deputada e doutora foi contada a partir de uma ética deontológica ancorada no quilombismo. Este é entendido como processo fundeado na ancestralidade panafricana diaspórica e na coletividade, na solidariedade intra movimentos populares e comunitários, nos laços construídos nas famílias estendidas, no sacrifício dos que vieram antes e resistiram para tornar possível a trajetória de Renata.

Desde março de 2022, adotou-se uma dinâmica de reuniões semanais da coordenação política da campanha, seguidas de reuniões semanais gerais da comunicação, para avaliação política, organização e distribuição de tarefas, além de reuniões eventuais para atendimento de demandas específicas. No dia a dia, desde às 6h e, por vezes, depois da 0h, havia intensa troca de mensagens no grupo operativo das redes, para a tomada de decisões rápidas sobre postagens e sobre soluções para eventuais percalços. Também houve reuniões específicas para discussões temáticas, com a participação das equipes de Renata, um encontro para cada tema (axé, pobreza, favelas, negritude, gênero e LGBTQIAPN+, segurança pública). Essas reuniões contribuíram para o amadurecimento da linha editorial, com ideias e subsídios, sobretudo para vídeos roteirizados, cards, carroséis, newsletters e também panfletos impressos.

Dados gerais sobre o desempenho de Renata nas redes dão noção do tamanho alcançado pela parlamentar após o período da campanha eleitoral de 2022. Logo após o final da campanha, Renata reunia 77,7 mil seguidores no Twitter, 80,6 mil no Facebook, 119,6 no Instagram, 106 mil no Tik Tok, 23 mil destinatários na lista para disparo de e-mail, 1,9 mil no YouTube e 3 mil contatos no Whatsapp. O crescimento do número de seguidores no Instagram durante a campanha eleitoral foi de cerca de 12%.

O crescimento mais veloz e significativo foi observado no perfil da candidata no Tik Tok, criado pouco antes do início da campanha, quando havia apenas cerca de 13 mil seguidores. Renata foi a parlamentar do PSOL e da esquerda que mais se destacou nessa rede durante o período eleitoral. Para se ter uma ideia, em 2/09/2022, um único vídeo, que mostrava Renata

**Para se ter uma ideia, em 2/09/2022, um único vídeo, que mostrava Renata no enfrentamento de ofensas a ela proferidas pelo bolsonarista Rodrigo Amorim, teve 2,7 milhões de visualizações.**

no enfrentamento de ofensas a ela proferidas pelo bolsonarista Rodrigo Amorim, teve 2,7 milhões de visualizações. Também no perfil da Renata, uma postagem de vídeo do então candidato Lula da Silva falando sobre favela teve 7,8 milhões de curtidas. Já no Facebook e no Twitter, assim como no YouTube, o número de seguidores não cresceu de modo significativo.

### **Uma questão geracional: juventude, mídia política e cidadania negra**

Para efeito dos interesses específicos deste artigo, que passam, em determinado momento, pela identificação de semelhanças e afinidades de identidade e de trajetórias entre os jovens da equipe de redes e a própria Renata, não pareceu haver a necessidade da exposição individual dos sujeitos observáveis, com exceção da própria candidata.

Durante a observação, foi identificada uma gama significativa de semelhanças entre os perfis e trajetórias dos jovens atuantes nas redes da campanha e a identidade e a história de vida da própria Renata. Desse modo, observaram-se em comum características relacionadas à etnia, gênero, classe, território, estética, ideologias, causas e experiências de vida, como, por exemplo, o engajamento militante em ações de luta pela garantia de direitos, contra a violência racista do Estado, e, o que aqui nos interessa de modo especial, no que podemos definir como jornalismo comunitário de favela.

A pesquisa se refere, portanto, não a uma juventude hipotética, mas a uma unidade (MANNHEIM, 1958) específica, distinta pelo modo como experimenta a vida em relação a outras (DAYRELL, 2007). Inclusive dentro dos mesmos territórios, convive com grupos que se reúnem a partir de outras experiências, como os que se organizam no hip hop ou nas igrejas evangélicas, aqueles que evadiram precocemente da escola ou ainda os que estão empregados no varejo do tráfico.

Referimo-nos aqui a jovens que, consideradas as peculiaridades de cada um, conectam-se a partir de afinidades de etnia e raça, de classe, território, gênero e sexualidade, e que fizeram escolhas parecidas relacionadas a uma aposta nos estudos e na militância social e política como modos de ser e de estar no mundo. São também maneiras de transgredir moldes, estereótipos, estigmas, predestinos ensinados em um cotidiano de violências perpetradas pelo Estado e por uma sociedade brasileira ostensivamente patrocinadora do patriarcado e do racismo.

Tais jovens empenham energia física, intelecto, entusiasmo e revolta às causas da negritude favelada e periférica, pelas lentes de uma interseccionalidade (COLLINS, CRENSHAW, 1991) compreendida pelo olhar profundo do feminismo negro afro-ameríndio (GONZALES, 2019). Se não escolheram necessariamente as mesmas carreiras, estudaram em pré-vestibulares comunitários em suas favelas de origem, entraram na universidade, e se iniciaram na vida profissional pela via do terceiro setor e da política institucional, em trabalhos que se confundem com as próprias causas desses jovens.

Com a sua Sociologia do Conhecimento, Mannheim (1952), que nasceu na longínqua Budapeste, capital da Hungria, viveu no início do século passado e nunca pisou no Brasil, ajuda a refletir sobre como um certo acúmulo social pode fazer germinar, por conexões efetuadas no contato com a dura realidade do racismo, um movimento de transgressão aos limites impostos pela posição de classe, raça e território. Nessa perspectiva, compreendemos essa juventude favelada, imersa num cotidiano midiaticizado, como uma unidade geracional (MANNHEIM, 1952) que disputa os sentidos tradicionalmente atribuídos à política e à cidadania.

Auxilia ainda nessa discussão o conceito de juventude (DAYRELL, 2017), que compreende diferentes juventudes conforme o modo de vida cotidiano e às condições específicas da realidade na qual o jovem se insere, de acordo com recortes de gênero, classe e etnia, e com o pressuposto formulado pelo autor sobre a condição do jovem no Brasil. Dayrell nos alerta sobre a necessidade do exercício de identificar, em certo momento histórico, especificidades do contexto em que vive essa juventude, a ética, a cultura, demandas e necessidades próprias.

Com o seu acúmulo em pesquisas sobre juventude e trabalho, inclusive nos movimentos sociais, contamos com Corrochano (2018) para pensar sobre o valor de legados como a experiência prévia e ainda atual dessa juventude na comunicação de favela e/ ou em pré-vestibulares comunitários. São estudantes universitários que atuam como professores voluntários, atores que são de movimentos políticos com o ideal de um comunicar-agir para uma transformação real do cotidiano. O ímpeto com que atuaram na mídia política da deputada candidata à reeleição permite a compreensão de que não estavam ali apenas para eleger uma deputada, mas para impactar nas vidas das pessoas e vê-las enfim soberanas em sua cidadania negra (ARAÚJO, 2019).

Tamanho o entusiasmo na rotina, os sujeitos observáveis não pareciam, inclusive, trabalhar exclusivamente pelos salários, embora por sua condição financeira de origem não possam ser considerados diletantes. Percorreram caminhos que os levaram a trabalhar tal-

vez como forma de garantir, além da própria sobrevivência, o sustento de sua militância. Além das tarefas, em geral esses jovens seguem paralelamente como ativistas em movimentos políticos, da cultura e da educação nas favelas, mesmo nos casos em que por motivos diversos não morem mais dentro delas.

Poderíamos dizer ainda dessa juventude que não se trata apenas de uma equipe de trabalho. Há muito mais entre esses jovens do que uma relação protocolar de colegas. Há conexões geracionais relacionadas a etnia, classe, território, e gênero, que se formam no ambiente de trabalho (CORROCHANO, 2018) e que se constituem numa unidade geracional, ainda que tão pequena, mas numa atuação estratégica, pelo modo como “raqueia” a mídia política, que a torna capaz de grande reverberação nas redes e nas ruas.

Referimo-nos aqui, para além dos avanços já reconhecidos da luta negra, ao movimento ascendente de ocupação de guerrilha da mídia política pela juventude negra, em fenômeno que evolui no sentido do despertar de cada vez mais gente para a luta pela cidadania negra.

Há, inclusive, para além do compromisso contratual, um vínculo de cumplicidade que ameaça até se virar um certo hermetismo no que se refere à sociabilidade no trabalho. A própria pesquisadora se percebeu, no período da observação participante, sob certo efeito de estranhamento inerente às diferenças de experiências de vida, e, sobretudo, à diferença de idade, em torno de 25 a 30 anos a mais em relação aos indivíduos dessa equipe toda formada pela chamada geração Y ou Millenium, como popularmente se diz daqueles nascidos entre 1982 e 1995 e que são a primeira considerada “nativa digital” no Brasil, Renata inclusive, ou ainda da geração Z, caso da própria coordenadora das redes da campanha, de 23 anos.

Mannheim nos ajuda a aprofundar o olhar sobre as aproximações de perfil e trajetórias entre essa juventude e Renata, que fez 40 anos em 2022. A faixa etária dela e a desses jovens diferem entre si de dez a quase 20 anos. Não nos interessa tanto saber se esses jovens desejam alcançar lugar análogo ao que Renata ocupa. Parece mais relevante tentar compreender o

caldo social em que se dá a eclosão em diferentes favelas do Rio de Janeiro dessa geração que “raqueia” a mídia política para contar de um jeito próprio a própria história, no afã de transformá-la.

O papel formativo dos pré-vestibulares e dos jornais comunitários – experiência compartilhada, em momentos diferentes, por Renata e os membros da sua equipe – promovidos, a partir dos anos 90, por organizações não governamentais de direitos humanos se revela como pista nesse sentido. A política de cotas parece ser outra pista relevante. O próprio ascenso de Renata e de outras mulheres negras ao Parlamento, no bojo de uma significativa popularização do feminismo negro, pode ser lido como fator propulsor desse fenômeno que se caracteriza, sobretudo, por seu caráter de movimento coletivo.



Recorremos a outra filha da longínqua Budapeste, mas de outra vertente teórica, a filósofa marxista Heller (2008), para pensar sobre essa juventude negra e vinculada à favela que vive em movimento dialético: ao mesmo tempo imersa na cotidianidade, mas capaz de produzir a suspensão do cotidiano (HELLER, 2008) numa atividade reflexiva. Na equipe de redes, o trabalho se confunde por sinal com militância, dada a profunda identificação com as causas promovidas.

Referimo-nos aqui, para além dos avanços já reconhecidos da luta negra, ao movimento ascendente de ocupação de guerrilha da mídia política pela juventude negra, em fenômeno que evolui no sentido do despertar de cada vez mais gente para a luta pela cidadania negra. Essa que é a maior parte da população brasileira segue, ainda na atualidade, sem os direitos civis e políticos plenamente garantidos, a começar pelo próprio direito à vida, cotidianamente ameaçada pela desigualdade no acesso a políticas públicas básicas e a oportunidades. Essa situação se reflete nos dados de absoluta sub-representação na política e desigualdades no que se refere a empregabilidade, educação, saúde, moradia, segurança e mesmo aos direitos humanos. Kilomba (2019) se refere a essa condição como uma espécie de aprisionamento de toda essa população ao passado colonial, sem acesso à própria contemporaneidade naquilo que poderia caracterizá-la.

Araújo (2019) e Peruzzo (2007) analisaram a relevância da imprensa, em articulação com o movimento negro, nos avanços rumo à conquista de uma cidadania negra. A partir do jornalismo praticado nos sites Correio Nagô, Mundo Negro e Nação Z observaram como as narrativas produzidas a partir do olhar da negritude, e no próprio processo de produção jornalística, conduzido por jornalistas negros, contribuíram para a ampliação, ainda que insuficiente, da cidadania negra no Brasil. Esse movimento se opõe à lógica cis-hetero-branco-patriarcal a partir da qual se constrói a mídia brasileira e transnacional.

Silva (2022) oferece uma contribuição relevante, nesse sentido, à reflexão, com a sua discussão sobre o racismo algorítmico. Em sua pesquisa, revela os graves impactos de discriminação racial promovida pelas tecnologias digitais emergentes, concebidas para servir a interesses privados com finalidade de um lucro incessante. A pesquisa mostra como o poder de decidir dos meios – dimensionado por seus criadores – amplifica possibilidades de discriminação nas mídias sociais, buscadores, no reconhecimento facial e em outras tecnologias.

Não à toa, a juventude das redes da Renata usa recorrentemente o termo “raquear as redes”, não no sentido ilegal do termo, mas em referência a processos midiáticos-políticos que ocorrem em lógica quilombista, de guerrilha. Essa juventude encontra nas redes seu modo de operação, conectando mídia e política, na contracorrente dos interesses dos donos das plataformas.

Conforme Pinder (apud MANNHEIM, 1952, p. 517), embora diferentes gerações experimentem o mesmo tempo, “[...] para cada um o mesmo tempo é um tempo distinto, quer dizer, uma época distinta de si mesmo, que é partilhada com seus coetâneos”. Essa perspectiva nos faz pensar na lógica constitutiva das conexões geracionais, percebidas como um processo, sobretudo, coletivo. Há ainda que se considerar, segundo Mannheim

(1952), a natureza imensurável do tempo interior. Neste sentido, podemos pensar que as gerações se formam de muitos movimentos entrecruzados que podem culminar em ondas que crescem menos ou mais e explodem com menor ou maior potência. Por vezes apenas movimentando faixas de areia, outras vezes fazendo submergir pessoas, navios, cidades e até, dando lugar a novos espíritos do tempo, realidades inteiras.

## Considerações finais

Não seria prudente afirmar, pelo menos por enquanto, dessa aguerrida juventude negra que atua nas redes da deputada Renata Souza, que seja expressão de uma enteléquia geracional, como a concebida por Mannheim (1952), a partir

—

**É possível identificar conexões importantes entre os grupos humanos que protagonizaram as jornadas de 2013, as lutas das mulheres a partir de 2015, a revolta mundial com o traumático assassinato de Marielle em 2018, o revés representado pelo avanço da extrema direita e a vitória de Bolsonaro.**

—

de Wilhelm Pinder (1926), referindo-se ao encontro do sentimento dos indivíduos com o que ele chamou de “espírito do tempo”. Neste momento, essa juventude parece compor, por seu nível de coesão, uma unidade geracional, entre tantas outras, mas que aponta para uma vanguarda cultural, num processo ainda embrionário, e ainda em absoluta desigualdade na correlação de forças com outras unidades geracionais, posicionadas na classe dominante, às quais se opõem em simultaneidade.

Essa juventude se forma politicamente na convivência e na troca com Renata, que tem 40 anos, é da mesma geração Y que a maioria da sua jovem equipe e manifesta a compreensão de quem sabe o porquê de “raquear” a mídia política, mas também se sabe instrumento de uma luta muito maior do que seria capaz de comportar o Parlamento e a comunicação institucional: a superação do racismo que, na lógica quilombista, exigirá a derrota do capitalismo.

É possível identificar conexões importantes entre os grupos humanos que protagonizaram as jornadas de 2013, as lutas das mulheres a partir de 2015, a revolta mundial com o traumático assassinato de Marielle em 2018, o revés representado pelo avanço da extrema direita e a vitória de Bolsonaro no mesmo ano e momento atual de ascenso da juventude em movimento de guerrilha numa mídia política jovem, preta e favelada. Renata e essa juventude, tudo indica, fazem parte do mesmo caldo de uma unidade geracional em ascensão e que ainda não encontrou, mas busca encontrar o seu auge.

Em meio ao ciclo político progressista e popular dos anos Lula e Dilma, Renata é cria de uma Maré em pleno ascenso da intervenção territorial do terceiro setor e ao mesmo tempo de uma Maré submetida à violência extrema do Estado, genocídio e encarceramento, numa dialética bastante reveladora dos limites da aliança de classes. Mannheim (1952) afirmou

que as gerações, uma vez radicalizadas após traumas geracionais, poderiam, numa girada da consciência para a ação, promover revoluções.

Percebe-se nessa experiência da contemporaneidade uma significativa atualização do quilombismo de Nascimento (2019) e a sua aplicação numa comunicação que “raqueia” uma mídia política inimiga de gênero, raça e classe. Se no enfrentamento ao racismo cotidiano (KILOMBA, 2019) e estrutural (ALMEIDA, 2018) ou, como prefere Sodré (2023), institucional ou intersubjetivo – ainda não se faz possível uma vitória definitiva, reconhece-se, no entanto, o poder dessa geração guerrilheira da mídia política de suspender o cotidiano (HELLER, 2008). Na centralidade estratégica dessa guerrilha midiático-política, há, não alguma inteligência artificial, mas a sabedoria de quem prioriza pessoas, de quem põe as tecnologias a serviço de valores como igualdade e dignidade humana, valores repassados por seus ancestrais, como Dandara, Luiza Mahin, Oxum e demais iabás, a mais recentemente elevada ao Orum, Marielle Franco, entre outras guardiãs e mentoras dessa juventude preta brasileira que disputa a possibilidade de gerar um novo e negro espírito do tempo.

## Referências bibliográficas

ALMEIDA, S.. **O que é racismo estrutural**. Belo Horizonte. Letramento, 2018.

AMARAL, Muriel E. P. Notas sobre o pensamento decolonial e os estudos da comunicação. **Extraprensa: Cultura e Comunicação na América-Latina**. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/181765/180763>

ARAÚJO, V. T. **Imprensa Negra na Internet: Enquadramentos dos conteúdos pelos sites Correio Nagô, Mundo Negro e Nação**. Tese (Doutorado), Universidade Metodista de São Paulo. Repositório institucional da Umesp, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/36atzr3>.

COLLINS, Patricia. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019. (Introdução)

CORROCHANO, Maria Carla; DOWBOR, Monika; JARDIM, Fabiana A. A. Juventudes e participação política no Brasil do século XXI: quais horizontes? **Laplage em Revista**. Sorocaba, p. 50-66, v. 4, n. 1, jan./abr. 2018. Disponível em: [https://www.academia.edu/35804553/Juventude\\_e\\_participacao\\_politica\\_no\\_Brasil\\_do\\_seculo\\_XXI\\_quais\\_horizontes](https://www.academia.edu/35804553/Juventude_e_participacao_politica_no_Brasil_do_seculo_XXI_quais_horizontes).

CRENSHAW, Kimberle. Mapping the margins: interseccionalidade, identity politics, and violence against women of color. **Stanford Law Review**, Stanford, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, jul. 1991. DOI <https://doi.org/10.2307/1229039>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1229039>. Acesso em: 14 jun. 2021.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100 – Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJjFSzq5rCPH/?format=pdf&lang=pt>.

FELIX, Carla Baiense. Narrativas juvenis e socialização reflexiva: do que falam os jovens quando falam de mídia?. *Alceu*, v. 1, p. 190-209, 2021. Disponível em: <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/index.php/alceu/article/view/224>.

FELIX, Carla Baiense. Mídia, cotidiano e política: o que os jovens nos ensinam sobre esta relação? In: FABIARS, Alexandre; SOUZA, Flavia Clemente de; SALDANHA, Patrícia; BERTOL, Rachel. *Mídia e cotidiano, novo diálogos e investigações*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2021.

FELIX, Carla Baiense; MENDES, Larissa de Moraes Ribeiro; FONTES, Hellen Pinto de Britto. Juventude e consumo de notícias: comportamento geracional e hábitos culturais. *Novos Olhares*, v. 7, n. 1, p. 22-32, 2018. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-7714.no.2018.131880>

GONÇALVES, Eloísa Fátima Figueiredo Semblano. *Educação e comunicação: diálogos sobre interação mediada por mídias digitais no cotidiano escolar*. Tese (doutorado) – PPGMC-UFF, 2022. <https://app.uff.br/riuff/handle/1/27769>.

GONZALES, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. São Paulo: Cobogó, 2019.

MANNHEIM, Karl. The problem of generations. In: P. Kecskemeti (Ed.). *Essays on the Sociology of Knowledge*. London: Routledge and Kegan Paul, 1952.

NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. São Paulo: Perspectiva, 2019.

OLIVEIRA, Marina. RSF e Intervezes lançam relatório “Quem Controla a Mídia no Brasil”. *Portal Imprensa*, 2017. Disponível em: <https://portalimprensa.com.br/noticias/brasil/79822/rsf+e+intervozes+lancam+relatorio+quem+controla+a+mídia+no+brasil>

PERUZZO, C. M. K. Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, v. 3, p. 18-41, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufff.br/index.php/lumina/article/view/20989>.

QUIJANO, Aníbal. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales Editorial/Editor 2005.

SILVA, Tarcízio. *Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais*. São Paulo: Edições Sesc, 2022.

RIBEIRO, Andrei; LOBATO, Isabela. Brasileiros viram ‘bots humanos’ em fazendas de clique por menos de 1 centavo. *Folha de S.Paulo*, Florianópolis e Belo Horizonte, 21 mai 2022.

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/05/brasileiros-viram-bots-humanos-em-fazendas-de-clique-por-menos-de-1-centavo.shtml>

SODRÉ, Muniz. **O fascismo da cor**: uma radiografia do racismo nacional. Petrópolis: Vozes, 2023.

SOUZA, Renata. **Cria da Favela**: resistência à militarização da vida. Rio de Janeiro: Boitempo, 2020.

Data do aceite: 31/05/2023

Dados dos autores: 25/06/2023

Dados dos autores:

### **Carla Baiense Félix**

Professora Associada do Departamento de Comunicação Social, vinculado ao Instituto de Arte e Comunicação Social (IACS), da Universidade Federal Fluminense (UFF). Coordena o Curso de Jornalismo da instituição desde agosto de 2020. Pesquisadora e docente vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da mesma universidade. Lidera o grupo de pesquisa Mídias, redes e jovens: usos e apropriações em contextos digitais (CNPq 2014), investigando as novas formas de produção, circulação e consumo de informação entre as juventudes brasileiras e suas repercussões sociopolíticas e subjetivas. Integra o grupo emergente "Juventude e suicídio: percursos midiáticos e suas interfaces com a Educação" (Edital Faperj/2019), com a pesquisa "Juventude e trauma: os efeitos do noticiário sobre a saúde mental das juventudes em tempos de pandemia". É doutora e mestra em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ, com pós-doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), e formada em Comunicação Social-Jornalismo pela Universidade Federal Fluminense, com especialização em Marketing pelo Instituto Coppead/UFRJ. Atuou como editora, subeditora e repórter em jornais e revistas especializados em negócios e novas tecnologias e na coordenação de projetos editoriais para veículos on-line. Faz parte da Comissão Permanente de Equidade de Gênero (CEPG) da UFF, que visa à proposição de políticas públicas para equidade numa perspectiva interseccional.

### **Paula Máiran de Brito Machado**

Pesquisa, no mestrado no PPGMC-UFF, sob orientação da professora Carla Baiense Félix, sobre o quilombismo como conceito aplicado aos processos midiáticos da mulher negra na política. Possui graduação em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal Fluminense (1993). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Direitos Humanos. Experiência profissional – Coordenação de comunicação; assessoria de imprensa; prevenção e gerenciamento de crise; comunicação interna; gestão e produção de conteúdo para sites e redes sociais; planejamento estratégico em comunicação; gerenciamento de projeto em identidade visual; coordenação de campanhas; organização de debates; atendimento de clientes; relacionamento com parceiros e fornecedores; elaboração de pautas, apuração, redação e edição de reportagens (cotidianas, especiais, entrevistas, perfis, cobertura de eventos, artigos); produção e edição de boletins, jornais e revistas. Conhecimento amplo em Comunicação, Direitos Humanos e Políticas Públicas, comunicação oral e escrita excelentes, língua inglesa, liderança, trabalho em equipe, visão analítica e estratégica, iniciativa e criatividade.